

LIMITE

uma análise sobre ritmo, luz e sentimento

Autora: Mariana Sbaraini Kapp

Orientador: Carlos Augusto Bonifácio Leite

Introdução

O filme *Limite* foi escrito e dirigido por Mário Peixoto em 1930 e lançada em 1931. É considerada por muitos, atualmente, como um dos melhores filmes brasileiros de todos os tempos. Entretanto, mesmo com o reconhecimento que possui atualmente, sua história é bastante peculiar. Por ser um filme de vanguarda, com características inusitadas, *Limite* não foi reconhecido pela crítica na época e nunca foi exibido comercialmente. Além disso, a produção ficou perdida durante um longo período e só voltou a ser vista a partir de 1978, o que fez com que ele adquirisse certa aura mítica, pois durante muito tempo não foi possível assisti-lo, tanto que muitos críticos e estudiosos do cinema que escreveram sobre ele nunca chegaram a vê-lo.

Objetivos e eixos de análise

Esta pesquisa tem como objetivo apreciar e analisar o filme *Limite*. Como a linguagem verbal não está presente na narrativa, a história do filme é basicamente contada por uma combinação de imagens e de som. Sendo assim, o objetivo principal dessa pesquisa é analisar como esses elementos se organizam para construir o enredo.

Portanto, este trabalho irá analisar e discutir o filme através de quatro eixos fundamentais, que são os responsáveis por conduzir sua narrativa. O primeiro deles é o **ritmo**, que é dado através da montagem inovadora proposta pelo diretor. O segundo é o **som**, que conduz toda a história e os sentimentos através da trilha sonora, já que o filme é mudo. O terceiro é a **fotografia**, que foi milimetricamente pensada pelo Diretor de Arte, Edgar Brazil. Por último, será analisado o **sentimento** de angústia que é despertado no espectador através de todos os elementos anteriores e que preenche toda a narrativa.

Ritmo, luz e sentimento

O filme começa mostrando três pessoas confinadas em um barco à deriva no meio do oceano. Um homem e duas mulheres dividem momentos de angústia e de desistência em relação à vida, enquanto recordam seu passado e o que os fez chegarem até ali. Através de flashbacks de memórias de cada um é possível saber um pouco do seu passado. A Mulher 1 estava presa e consegue fugir com ajuda do carcereiro, começa a trabalhar como costureira e novamente se sente presa, o que a leva a fugir de novo. A Mulher 2 está fugindo de um casamento abusivo com um pianista alcoólatra. Já o Homem 1 está fugindo do marido da sua amante, que era leprosa. Os três não se conhecem, mas encontram no barco uma segunda chance. Porém, são apanhados por uma tempestade e ficam à deriva.

O que parece ser um enredo simples, torna-se genial pela maneira como o filme é contado, fugindo totalmente dos padrões da época e se tornando um dos filmes mais importantes do cinema brasileiro.

Limite é uma combinação de imagens e de música, que se conversam e se mesclam tornando a experiência de assistir totalmente sensorial. É um filme essencialmente mudo, nenhum dos personagens conversam entre si, o que faz com que o filme não tenha diálogos. Então, a história é contada apenas pela trilha sonora, que é composta por músicos como Borodin, Stravinsky e Prokofiev e pela combinação de diferentes imagens em preto e branco, cuja fotografia foi elaborada por Edgard Brazil. Além disso, o filme não segue o padrão de montagem paralela, proposto por Griffith, que consiste em justapor um plano a outro em ordem cronológica. Esse tipo de montagem é consolidado atualmente e é utilizado na maioria dos filmes comerciais (CANELAS, 2010). Entretanto, em *Limite*, que é um filme feito mais ou menos dez anos depois da consolidação dessa teoria, já surge como uma contraposição a esse método, algo que é muito característico do modernismo e daquela época, em que, a todo momento, surgiam novas teorias e novas maneiras de subverter essas mesmas teorias.

Conclusão

Sendo assim, é possível fazer algumas considerações a respeito do filme *Limite*. A primeira delas é o fato de que a história é relativamente simples, mas foi construída de maneira brilhante e poética. Portanto, se chega a um ponto muito importante em relação ao modernismo e a época em que o filme foi feito, que é o fato de que não importa o que se diz, mas como se diz. Nesse filme, Mário Peixoto quebra com toda a narrativa tradicional do cinema e cria um poema, como toda a sua métrica e exatidão, mas ao mesmo tempo com toda a sua liberdade, no qual a câmera se comporta como um narrador, como um eu lírico desse poema, nos mostrando tudo através do seu olhar tão único.

Ao contrário do cinema na Europa ou nos Estados Unidos, que passaram somente por "períodos" de subdesenvolvimento, no cinema latino-americano esse estado é uma constante (GOMES, 1996). A falta de recursos e de incentivo é um fato presente na maioria das produções da América Latina, como é o caso de *Limite* que foi feito com baixo orçamento e totalmente pago por Mário Peixoto, que nunca conseguiu recursos para fazer outros filmes. Entretanto, percebe-se que o diretor, sendo consciente da falta de recursos, decidiu explorá-la, fazendo com que ela ficasse em favor à produção. Sabendo que não poderia gravar falas com perfeição, o diretor optou por tornar o filme mudo e sabendo que não poderia fugir do preto e branco, decidiu usar um filme sensível para o cinza, para tornar as sombras mais fortes e criar imagens com elas.

Referências

CANELAS, Carlos. **Os Fundamentos Históricos e Teóricos da Montagem Cinematográfica: os contributos da escola norte-americana e da escola soviética**. 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-canelas-cinema.pdf>> Acesso em: 11 de junho de 2015, às 20h45min.

GOMES, Paulo Emilio Sales. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LA FERLA, Jorge. **Sinfonia do sentimento**. In: ARS (São Paulo) vol.6 no.12 São Paulo Jul/Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-53202008000200006&script=sci_arttext> Acesso em: 08 de junho de 2015, às 21h30min.

MÁRIO PEIXOTO. Mário Peixoto. Disponível em: <<http://www.mariopeixoto.com/limite.htm>> Acesso em: 02 de junho de 2015, às 20h30min.

ROCHA, Glauber. **O Mito Limite**. In: Revisão Crítica do Cinema Brasileiro. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

